

ANÁLISE DO DISCURSO DO EMPREENDEDORISMO E ALTERNATIVAS SUSTENTÁVEIS

Marcus Osório da Silva¹; Cleonice Alexandre Le Bourlegat²

GT: Ecosocioeconomia: Teoria e Práxis

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar como o discurso hegemônico do empreendedorismo, pautado pela lógica neoliberal, influencia a percepção social acerca do trabalho e da economia, destacando as suas implicações para a coletividade e a democracia. Para tanto, buscou-se responder à seguinte questão de pesquisa: De que maneira o discurso hegemônico do empreendedorismo, pautado pelo neoliberalismo, influencia a percepção social sobre trabalho e economia, e em que medida o empreendedorismo sustentável pode representar uma alternativa alinhada à Economia para o Bem Comum? Por meio de uma revisão integrativa da literatura realizada nas bases *Scopus* e *Web of Science*, com foco em publicações dos últimos dez anos, foram identificados padrões discursivos que promovem a responsabilização individual e o enfraquecimento das estruturas sociais coletivas. Os principais resultados revelam que o discurso neoliberal contribui para a precarização das relações laborais, a insegurança econômica e o enfraquecimento de mecanismos coletivos de proteção social. Em contrapartida, o empreendedorismo sustentável emerge como uma alternativa capaz de alinhar práticas econômicas às necessidades humanas e sociais, convergindo com os princípios propostos pela Economia para o Bem Comum. Os achados apontam para a necessidade de repensar modelos econômicos tradicionais, destacando o potencial transformador de abordagens empreendedoras mais éticas e sustentáveis para promover uma economia mais equitativa e solidária.

Palavras-chave: Empreendedorismo Neoliberal; Empreendedorismo Sustentável; Análise do Discurso; Neoliberalismo; Economia para o Bem Comum.

¹ Doutor em Desenvolvimento Local; Professor do Eixo Gestão e Negócios / Instituto Federal de Mato Grosso do Sul; Campo Grande, MS, Brasil. E-mail: marcus.silva@ifms.edu.br ORCID: 0000-0003-4378-2711

² Doutora em Geografia (Desenvolvimento Regional); PPGDL / Universidade Católica Dom Bosco; Campo Grande, MS, Brasil. E-mail: rf25@ucdb.br ORCID: 0000-0003-0814-0334

1 INTRODUÇÃO

O empreendedorismo tem sido amplamente promovido como um motor de inovação, crescimento econômico e geração de empregos (Schumpeter, 1934; Drucker, 1987; Shane & Venkataraman, 2000; Smith; Jones, 2022; Global Entrepreneurship Monitor, 2023), sendo frequentemente associado à ideia de autonomia, criatividade e protagonismo individual (Dolabela, 2003; Fillion, 2000; Kritikos, 2024). Essa narrativa, amplificada por discursos midiáticos e políticas públicas, posiciona o empreendedor como figura central da dinâmica econômica contemporânea.

Entretanto, é necessário problematizar essa visão idealizada, sobretudo quando inserida em um contexto de hegemonia neoliberal. O discurso dominante sobre o empreendedorismo, ao enfatizar a responsabilização individual e a meritocracia, pode ocultar as implicações sociais, econômicas e trabalhistas que o acompanham, como a precarização das relações de trabalho e a reconfiguração das estruturas de proteção social. No Brasil, esse cenário é agravado por reformas institucionais que flexibilizaram os direitos trabalhistas e favoreceram formas atípicas de contratação, como o trabalho intermitente e a terceirização, frequentemente apresentadas como oportunidades empreendedoras.

Diante desses desafios e da urgência em repensar o papel do empreendedorismo não apenas como estratégia econômica, mas como fenômeno ideológico, alternativas a esse modelo vêm ganhando destaque, como o empreendedorismo sustentável, que busca conciliar práticas econômicas com responsabilidade social e ambiental.

Alternativas a esse modelo vêm ganhando destaque, como o empreendedorismo sustentável, que busca conciliar práticas econômicas com responsabilidade social e ambiental. Essa abordagem encontra respaldo na proposta da Economia para o Bem Comum (EBC), que sugere uma reorganização ética e colaborativa das atividades econômicas.

Diante disso, este estudo busca responder à seguinte questão: De que maneira o discurso hegemônico do empreendedorismo, pautado pelo neoliberalismo, influencia a percepção social sobre trabalho e economia, e em que medida o empreendedorismo sustentável pode representar uma alternativa alinhada à Economia para o Bem Comum?

O objetivo geral é analisar como o discurso neoliberal molda o entendimento social sobre o empreendedorismo e investigar o potencial do empreendedorismo sustentável como proposta contra-hegemônica. Para isso, adota-se uma abordagem

qualitativa e exploratória, utilizando a Análise Crítica do Discurso (ACD), conforme proposta por van Dijk (2008), como ferramenta teórico-metodológica. A coleta de dados foi realizada por meio de revisão integrativa da literatura nas principais bases acadêmicas, focando em publicações dos últimos dez anos que discutem o empreendedorismo neoliberal, a precarização do trabalho e alternativas sustentáveis.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A presente seção fundamenta teoricamente a análise proposta, organizando o referencial em torno de três eixos principais: o discurso neoliberal e sua influência na concepção contemporânea de empreendedorismo; as alternativas representadas pelo empreendedorismo sustentável; e a proposta da Economia para o Bem Comum (EBC) como horizonte ético e econômico. Inicialmente, explora-se como o neoliberalismo moldou práticas e subjetividades sociais, transformando o empreendedorismo em um ideal normativo que desconsidera desigualdades estruturais. Em seguida, apresentam-se concepções que desafiam esse modelo, com destaque para o empreendedorismo sustentável e sua ênfase na responsabilidade social e ambiental. Por fim, discute-se a EBC como uma proposta que reorienta a atividade econômica a partir de valores como justiça, solidariedade e dignidade humana. Esses três eixos fornecem o arcabouço necessário para compreender criticamente a construção discursiva do empreendedorismo hegemônico e analisar possibilidades de superação alinhadas a um desenvolvimento mais justo e sustentável.

2.1 O DISCURSO NEOLIBERAL E SUA INFLUÊNCIA NO EMPREENDEDORISMO

A ascensão do neoliberalismo, a partir das décadas de 1970 e 1980, trouxe consigo um conjunto de reformas econômicas e sociais que reconfiguraram profundamente o papel do Estado, das instituições e dos indivíduos. Com base na defesa da liberalização dos mercados, da desregulamentação e da privatização (Friedman, 1962; Hayek, 1944), o neoliberalismo propõe uma lógica que desloca responsabilidades coletivas para a esfera individual.

David Harvey (2008) analisa o neoliberalismo como uma racionalidade que reorganiza as relações sociais em favor do capital, promovendo um modelo de subjetividade baseado no autogerenciamento, na competitividade e na eficiência. Nessa

lógica, o empreendedorismo passa a ser exaltado como ideal de sucesso, mascarando desigualdades estruturais e despolitizando problemas sociais.

Pierre Dardot e Christian Laval (2016) aprofundam essa crítica ao introduzirem o conceito de “empresário de si”, em que o indivíduo se vê compelido a agir como uma empresa, assumindo integralmente a responsabilidade por seu desempenho e fracasso. Essa subjetivação, segundo os autores, reforça normas de desempenho e eficiência, em detrimento de formas coletivas de solidariedade.

No campo do trabalho, essas transformações têm se materializado em processos de precarização e flexibilização, muitas vezes justificados pelo ideal empreendedor. Richard Sennett (1998) observa como a instabilidade e a fragmentação afetam negativamente os vínculos sociais, corroendo a confiança e a identidade profissional. Graça Druck (2011) ressalta como a terceirização e a flexibilização da legislação trabalhista contribuem para a insegurança, a rotatividade e a perda de direitos.

No contexto latino-americano, Sebastián Edwards (2024) mostra como o Chile, ao adotar um modelo neoliberal radical, experimentou crescimento econômico, mas também o aprofundamento da desigualdade e a insatisfação social. Essas experiências servem de alerta sobre os limites desse modelo como solução universal para os desafios do desenvolvimento.

Shoshana Zuboff (2020), ao discutir o capitalismo de vigilância, alerta para os efeitos da lógica neoliberal aplicada à tecnologia, como a erosão da privacidade, a manipulação comportamental e a fragilização da autonomia individual — aspectos que se somam à precarização econômica na conformação de um modelo de controle social mais amplo.

Por fim, a crítica ao discurso meritocrático amplamente difundido por corporações e meios de comunicação (Boltanski & Chiapello, 2009) revela como o sucesso é apresentado como fruto exclusivo do esforço pessoal, ignorando desigualdades de classe, raça e gênero. Tal discurso legitima a concentração de riqueza e transfere ao indivíduo a culpa por seu fracasso, ao mesmo tempo em que exime o Estado e o mercado de suas responsabilidades.

Van Dijk (2008), ao aplicar a Análise Crítica do Discurso, destaca que discursos dominantes tendem a privilegiar perspectivas favoráveis ao empreendedorismo, ocultando suas consequências negativas sobre as relações sociais e econômicas. Assim, compreender essas construções discursivas é essencial para problematizar os limites e consequências sociais desse modelo.

2.2 EMPREENDEDORISMO SUSTENTÁVEL COMO ALTERNATIVA

Em contraposição ao modelo neoliberal de empreendedorismo, o empreendedorismo sustentável emerge como proposta que busca conciliar desempenho econômico com justiça social e responsabilidade ambiental. Schaltegger e Wagner (2011) definem o empreendedorismo sustentável como a criação de valor que integra os pilares econômico, social e ecológico, com foco em soluções de longo prazo.

Essa abordagem entende que os empreendimentos devem atender não apenas às expectativas de lucro dos investidores, mas também às necessidades da coletividade e da natureza. Práticas como economia circular, produção ética, inclusão social e transparência ganham centralidade nesse modelo, contribuindo para uma economia mais resiliente e inclusiva (Elkington, 1997).

Muhammad Yunus (2007), com o conceito de “negócio social”, reforça essa lógica ao propor empresas cuja principal missão não é a maximização do lucro, mas a solução de problemas sociais e ambientais. Essa proposta representa um rompimento com a visão tradicional de mercado e oferece caminhos inovadores para enfrentar desafios estruturais como pobreza, desigualdade e degradação ambiental.

2.3 ECONOMIA PARA O BEM COMUM (EBC)

A proposta da Economia para o Bem Comum (EBC), idealizada por Christian Felber (2015), representa uma “alternativa” teórica e prática que visa reorganizar as atividades econômicas em torno de valores éticos e coletivos. Fundamentada em princípios como dignidade humana, solidariedade, justiça social, sustentabilidade ecológica e transparência democrática, a EBC propõe novos critérios de avaliação para o desempenho econômico, a partir dos quais as empresas passam a ser avaliadas não apenas pelo lucro gerado, mas também pelo impacto positivo que proporcionam à sociedade.

Um dos principais instrumentos desse modelo é o Balanço do Bem Comum, que permite mensurar o impacto positivo das empresas em relação ao meio ambiente, às relações de trabalho, à participação democrática e à justiça social (Felber et al., 2024). Tal perspectiva oferece alternativas viáveis ao paradigma neoliberal ao propor um sistema que valorize o bem-estar coletivo acima do lucro privado. o desempenho ético e sustentável das organizações. Essa proposta se alinha ao empreendedorismo sustentável,

pois enfatiza a busca por soluções que beneficiem não apenas os agentes econômicos, mas também o meio ambiente e a coletividade.

Ao adotar os princípios da EBC, o empreendedorismo sustentável pode se consolidar como uma alternativa viável para enfrentar os desafios sociais e ambientais contemporâneos. Essa perspectiva contribui para repensar práticas empresariais e econômicas, orientando-as para uma lógica mais humanizada e comprometida com o bem-estar coletivo.

3 METODOLOGIA

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, fundamentada na condução de uma revisão integrativa da literatura, a fim de reunir, analisar e sintetizar criticamente os principais debates acadêmicos sobre o discurso do empreendedorismo no contexto neoliberal, suas consequências socioeconômicas e as alternativas sustentáveis alinhadas à Economia para o Bem Comum (EBC). Essa escolha metodológica justifica-se pela capacidade da revisão integrativa de permitir a incorporação de diferentes perspectivas teóricas e empíricas, favorecendo uma compreensão mais abrangente e crítica do objeto de estudo (Whittemore & Knafl, 2005).

3.1. TIPO DE PESQUISA: REVISÃO INTEGRATIVA

A revisão integrativa caracteriza-se como um método que possibilita a inclusão de estudos com diversas abordagens metodológicas, oferecendo uma síntese abrangente do conhecimento produzido sobre um determinado tema. Esse tipo de revisão é amplamente utilizado nas ciências sociais e humanas quando se busca compreender temas complexos e multifacetados, como o discurso hegemônico do empreendedorismo. Segundo Mendes, Silveira e Galvão (2008), a revisão integrativa é uma estratégia essencial para avaliar e consolidar evidências, uma vez que permite identificar tendências, lacunas e novos caminhos para a investigação científica.

3.2. ESTRATÉGIA DE BUSCA

Para a realização da revisão integrativa, foi elaborada uma estratégia de busca sistematizada a fim de garantir a localização dos principais artigos relacionados ao tema. A pesquisa concentrou-se nas bases *Scopus* e *Web of Science* devido à sua reconhecida

qualidade científica, abrangência temática e diversidade geográfica. Essas plataformas garantem um corpus confiável e representativo, permitindo acessar múltiplas perspectivas sobre o empreendedorismo e reduzindo vieses de base única, em consonância com os objetivos analíticos do estudo. A busca inicial resultou em 1.817 registros e, após a exclusão de duplicatas e de artigos corrompidos, o *corpus* final foi composto por 1.165 artigos.

As palavras-chave foram definidas de forma a contemplar tanto o discurso hegemônico do empreendedorismo quanto as alternativas sustentáveis. As combinações empregadas foram as seguintes:

- a) “empreendedorismo neoliberal” e “*neoliberal entrepreneurship*”;
- b) “empreendedorismo sustentável” e “*sustainable entrepreneurship*”;
- c) “neoliberalismo e mercado de trabalho” e “*neoliberalism and the labor market*”;
- d) “Economia para o Bem Comum” e “*Economy for the Common Good*”;
- e) “críticas ao empreendedorismo” e “*criticism of entrepreneurship*”.

As estratégias de busca foram elaboradas de acordo com as diretrizes específicas de cada base de dados, respeitando a sintaxe recomendada por elas. Os termos de pesquisa foram combinados por meio de operadores booleanos (AND/OR), e as aspas foram utilizadas para garantir a recuperação precisa de expressões compostas.

A busca inicial na base de dados *Scopus* foi realizada abrangendo título, resumo e palavras-chave, com a seguinte expressão: (“neoliberal entrepreneurship” OR “empreendedorismo neoliberal” OR “sustainable entrepreneurship” OR “empreendedorismo sustentável” OR “neoliberalism and the labor market” OR “neoliberalismo e mercado de trabalho” OR “Economy for the Common Good” OR “Economia para o Bem Comum” OR “criticism of entrepreneurship” OR “críticas ao empreendedorismo”).

De forma similar, a estratégia de busca também foi aplicada nos campos de título, resumo e palavras-chave na base de dados *Web of Science*, utilizando a mesma combinação de termos: (“neoliberal entrepreneurship” OR “empreendedorismo neoliberal” OR “sustainable entrepreneurship” OR “empreendedorismo sustentável” OR “neoliberalism and the labor market” OR “neoliberalismo e mercado de trabalho” OR

“Economy for the Common Good” OR “Economia para o Bem Comum” OR “criticism of entrepreneurship” OR “críticas ao empreendedorismo”).

Posteriormente, foram aplicados filtros para restringir a busca a artigos revisados por pares, publicados nos últimos dez anos (2014 a 2024) no idioma inglês e português, pertencentes a periódicos acadêmicos reconhecidos. Essa escolha se justifica pela necessidade de garantir a atualidade, universalidade e a relevância científica das fontes consultadas (Fink, 2019).

3.3. CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Os critérios de inclusão e exclusão foram estabelecidos para assegurar que apenas estudos alinhados ao escopo da pesquisa fossem selecionados. Foram incluídos artigos que:

- a) Abordassem o discurso do empreendedorismo no contexto neoliberal;
- b) Apresentassem críticas explícitas à narrativa neoliberal e seus impactos socioeconômicos;
- c) Discutissem alternativas sustentáveis, especialmente o empreendedorismo sustentável e a Economia para o Bem Comum.

Por outro lado, foram excluídos artigos que:

- a) Abordassem o empreendedorismo apenas de forma técnica ou operacional;
- b) Tratassem o empreendedorismo sob uma perspectiva exclusivamente positiva, sem discussões críticas ou considerações sobre seus impactos sociais.

Essa seleção foi realizada por meio da leitura dos títulos, resumos e palavras-chave dos artigos identificados, seguida pela leitura integral dos textos que atendiam aos critérios definidos.

3.4. PROCESSO DE ANÁLISE

Os artigos selecionados foram submetidos a uma análise temática, conforme proposta por Braun e Clarke (2006), a qual consiste em um processo rigoroso de identificação, organização e interpretação de padrões significativos nos dados textuais.

Essa abordagem permite identificar categorias que emergem do conteúdo analisado, facilitando a compreensão crítica dos discursos e suas implicações sociais.

A análise foi conduzida em quatro etapas: a) Leitura exploratória para compreensão geral dos textos e identificação de temas recorrentes; b) Codificação inicial, destacando segmentos textuais que abordassem aspectos ideológicos do discurso neoliberal e suas críticas; c) Agrupamento temático, organizando as ideias-chave em categorias; e d) Interpretação crítica, com base na Análise Crítica do Discurso (van Dijk, 2008), destacando os significados implícitos e os efeitos ideológicos dos discursos analisados.

Esse processo metodológico permitiu reunir subsídios teóricos e empíricos que sustentam a problematização do discurso hegemônico do empreendedorismo, bem como evidenciar caminhos alternativos mais sustentáveis e socialmente justos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos artigos selecionados permitiu a identificação de padrões ideológicos, estratégias retóricas e impactos sociais e econômicos associados ao discurso neoliberal do empreendedorismo. Além disso, foram evidenciadas alternativas sustentáveis e soluções promissoras alinhadas à proposta da Economia para o Bem Comum (EBC), assim como lacunas e possibilidades para pesquisas futuras. Os resultados foram organizados conforme as categorias estabelecidas.

4.1 ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO SOBRE O EMPREENDEDORISMO: TENDÊNCIAS HEGEMÔNICAS E CONTRAPONTO IDEOLÓGICOS

O corpus analisado é composto por 1.165 registros provenientes das bases *Scopus* e *Web of Science*, com artigos acadêmicos que abordam temas relacionados ao empreendedorismo. A Análise Crítica do Discurso (ACD), inspirada nos pressupostos de Teun A. van Dijk, permitiu identificar temas recorrentes, agrupamentos discursivos e efeitos ideológicos implícitos. Foram observadas manifestações predominantes do discurso neoliberal e, em menor grau, tentativas de crítica ou resistência.

O quadro a seguir sintetiza diferentes categorias temáticas recorrentes nos discursos sobre o empreendedorismo, classificando-os segundo seu alinhamento com uma visão hegemônica, crítica ou ambígua. A partir dessa estrutura, é possível

compreender como determinadas narrativas se consolidam e quais tensões emergem na disputa por sentidos dentro do campo discursivo.

Quadro 1 - Categorias Temáticas Identificadas

Categoria Temática	Descrição	Discurso
Empreendedorismo como solução social	Discurso que apresenta o empreendedorismo como resposta única para problemas socioeconômicos.	Hegemônico
Responsabilização individual	Centralidade da figura do “empreendedor de si mesmo”; meritocracia, protagonismo.	Hegemônico
Tecnologia e inovação	Valoração positiva da inovação disruptiva e do uso de tecnologia como diferencial competitivo	Hegemônico
Sustentabilidade	Sustentabilidade como estratégia de mercado e vantagem, não como transformação social.	Ambíguo
Críticas à hegemonia empreendedora	Questionamentos sobre desigualdade, cooptação de ideais e limitações estruturais.	Crítico
Educação empreendedora	Formação voltada ao perfil autogerenciável e flexível do novo trabalhador.	Hegemônico

Fonte: elaborado pelos autores

A primeira categoria, “Empreendedorismo como solução social”, revela um discurso hegemônico que apresenta o ato de empreender como a principal, e por vezes única, resposta aos desafios socioeconômicos contemporâneos. Essa abordagem naturaliza a ideia de que o empreendedorismo é intrinsecamente positivo e eficaz, desconsiderando a complexidade das questões estruturais que atravessam a pobreza, o desemprego e a precarização do trabalho.

Esse entendimento se articula diretamente com a categoria “Responsabilização individual”, também hegemonicamente posicionada, que valoriza a figura do “empreendedor de si mesmo” como modelo ideal de cidadão. Nessa lógica, o sucesso é atribuído exclusivamente ao mérito pessoal, reforçando princípios meritocráticos que culpabilizam o indivíduo por sua condição, ao mesmo tempo em que desresponsabilizam o Estado e as instituições sociais por garantir direitos e igualdade de oportunidades.

A temática “Tecnologia e inovação” também se insere no campo do discurso hegemônico, ao promover uma valorização acrítica da inovação disruptiva e do uso intensivo de tecnologia como diferencial competitivo. Esse discurso reforça a ideia de progresso técnico como sinônimo de desenvolvimento, ignorando os possíveis efeitos

colaterais sociais, ambientais e econômicos decorrentes dessa tecnificação da vida produtiva.

Por outro lado, a categoria “Sustentabilidade instrumentalizada” apresenta-se de forma ambígua. Embora mencione a sustentabilidade, esta aparece frequentemente esvaziada de seu caráter ético-transformador e passa a ser apropriada como uma estratégia de diferenciação mercadológica. Assim, o discurso sustentável é cooptado pelo mercado, sendo moldado aos interesses competitivos do capitalismo contemporâneo.

A única categoria que explicitamente rompe com o discurso dominante é “Críticas à hegemonia empreendedora”. Esta assume uma postura crítica ao questionar os limites estruturais do modelo empreendedor, a apropriação mercadológica de ideais libertadores e a manutenção de desigualdades sociais. Essa abordagem revela a existência de vozes dissonantes que tensionam a narrativa oficial do empreendedorismo como solução universal, apontando para a necessidade de alternativas mais inclusivas e estruturantes.

Por fim, a categoria “Educação empreendedora” completa o conjunto de discursos hegemônicos ao destacar a formação do sujeito ideal para o mercado: autônomo, flexível, criativo e autogerenciável. Tal perspectiva instrumentaliza a educação, subordinando-a aos imperativos da empregabilidade e da competitividade, em detrimento de uma formação crítica, cidadã e voltada para a transformação social.

Dessa forma, a análise evidencia a predominância de discursos hegemônicos que promovem o empreendedorismo como uma solução quase incontestável para os desafios contemporâneos. Ao mesmo tempo, aponta para brechas e resistências críticas, sobretudo em relação à sustentabilidade e às desigualdades, que podem abrir caminhos para a construção de alternativas sustentáveis e socialmente justas.

4.2 SEGMENTOS TEXTUAIS RELEVANTES

Para aprofundar a análise do discurso sobre o empreendedorismo, esta subseção examina segmentos textuais representativos de diferentes categorias temáticas identificadas na pesquisa. Esses trechos ilustram como determinadas ideias são construídas, reforçadas ou tensionadas nos discursos contemporâneos, permitindo identificar a presença de narrativas hegemônicas, críticas e ambíguas. A leitura atenta

desses fragmentos contribui para compreender as disputas simbólicas em torno do empreendedorismo e suas implicações sociais, econômicas e educacionais.

Empreendedorismo como solução social: “... o empreendedorismo é uma solução eficaz para mitigar o desemprego e estimular o crescimento econômico em contextos de crise.” Esse enunciado representa claramente o discurso hegemônico que atribui ao empreendedorismo um papel quase redentor diante de crises econômicas. Ao sugerir que empreender é uma “solução eficaz”, o texto naturaliza essa prática como via legítima e desejável de superação de problemas coletivos, deslocando o foco das políticas públicas e das responsabilidades estruturais para a ação individual e mercadológica.

Responsabilização individual: “... os indivíduos precisam adaptar-se às novas dinâmicas do trabalho autônomo, tornando-se protagonistas de suas trajetórias econômicas.” Este segmento reforça o discurso da responsabilização individual, típico da lógica neoliberal, ao prescrever a adaptação pessoal como exigência inquestionável. Ao exigir que o indivíduo se torne “protagonista”, ignora as barreiras sociais, econômicas e estruturais que dificultam ou impossibilitam essa autonomia. Tal narrativa invisibiliza desigualdades e legitima a precarização do trabalho ao apresentá-la como oportunidade de liberdade e inovação.

Tecnologia e inovação: “...a inovação disruptiva liderada por empreendedores transforma modelos tradicionais ineficientes.” Este trecho mobiliza um discurso hegemônico que celebra a inovação tecnológica como força motriz do progresso. A expressão “modelos tradicionais ineficientes” reforça a oposição binária entre o novo (tecnológico, inovador, empreendedor) e o velho (obsoleto, estagnado), consolidando a ideia de que empreender com tecnologia é não apenas desejável, mas necessário. Não há espaço para problematizações sobre exclusões digitais, impactos sociais ou ambientais dessas transformações.

Sustentabilidade instrumentalizada: “... a sustentabilidade empresarial é um diferencial competitivo que aumenta o valor da marca.” Este segmento ilustra bem a ambiguidade do discurso sobre sustentabilidade. Embora mencione um valor positivo — a sustentabilidade —, ele é mobilizado de forma instrumental, como um recurso estratégico para ganho de mercado. Em vez de sustentar um compromisso ético com o meio ambiente e com o bem-estar coletivo, a sustentabilidade é reduzida a uma vantagem comercial. Isso esvazia seu potencial transformador e revela sua apropriação pelo discurso dominante.

Críticas à hegemonia empreendedora: “... o discurso do empreendedorismo como única via ignora desigualdades estruturais e invisibiliza formas coletivas de organização econômica.” Este é um dos poucos segmentos que representa um discurso crítico ao modelo dominante. Ele questiona a centralidade do empreendedorismo e denuncia seus efeitos excludentes ao apontar a negação de outras formas de organização econômica — como cooperativas, economia solidária ou políticas públicas redistributivas. Esse enunciado confronta diretamente a narrativa da meritocracia e da individualização da responsabilidade, trazendo à tona a discussão sobre justiça social e alternativas coletivas.

Educação empreendedora: “... desenvolver competências empreendedoras nos indivíduos é essencial para garantir sua inserção produtiva em uma economia globalizada.” Neste trecho, o discurso hegemônico se manifesta por meio da ideia de que a educação deve preparar o sujeito para ser funcional ao mercado. A noção de “inserção produtiva” reforça uma visão utilitarista da educação, voltada para formar indivíduos adaptáveis e autogerenciáveis — ideais do trabalhador neoliberal. Não se trata de promover uma educação emancipadora ou crítica, mas sim de alinhar o indivíduo às exigências de um sistema econômico globalizado e competitivo.

Esses segmentos demonstram como os discursos hegemônicos sobre o empreendedorismo se articulam para construir uma narrativa dominante que valoriza o indivíduo empreendedor, a inovação tecnológica e a sustentabilidade como vantagem mercadológica. Ao mesmo tempo, eles ocultam desigualdades e limitam outras formas de organização econômica. A presença pontual de um discurso crítico e a ambiguidade da sustentabilidade revelam tensões discursivas que podem ser exploradas para propor alternativas mais sustentáveis e inclusivas.

4.3 INTERPRETAÇÃO CRÍTICA DOS EFEITOS IDEOLÓGICOS

A predominância do discurso neoliberal no corpus analisado evidencia um processo de naturalização ideológica do empreendedorismo como solução universal para problemas sociais e econômicos. Esse discurso opera, primeiramente, por meio da despolitização das questões estruturais, ao deslocar responsabilidades coletivas para o indivíduo, reforçando a ideia de que o sucesso ou o fracasso dependem exclusivamente do mérito pessoal. Além disso, silencia o papel do Estado e das políticas públicas

redistributivas, apagando a importância de ações coletivas e institucionais na promoção da equidade social. A precariedade das relações de trabalho é frequentemente ressignificada de forma positiva, sendo apresentada como “flexibilidade” ou “autonomia”, o que contribui para a legitimação de condições instáveis de emprego. Por fim, o discurso neoliberal também se apropria de narrativas originalmente críticas, como as que envolvem sustentabilidade e bem comum, adaptando-as à lógica do mercado e esvaziando seu potencial transformador.

Embora minoritário, o discurso crítico aparece em alguns segmentos denunciando os limites do modelo neoliberal, sugerindo que o empreendedorismo, tal como promovido hegemonicamente, pode reproduzir desigualdades e esvaziar alternativas coletivas e solidárias.

Para aprofundar a compreensão das tensões discursivas em torno do empreendedorismo, o Quadro a seguir contrapõe dois conjuntos de sentidos em disputa: o discurso dominante, alinhado à lógica neoliberal, e o discurso crítico, que questiona seus pressupostos e efeitos.

Quadro 2 - Contrapontos entre o Discurso Dominante e o Discurso Crítico sobre o Empreendedorismo

Aspecto	Discurso Dominante	Discurso
Sujeito Central	Empreendedor autônomo e meritocrático	Sujeito inserido em condições estruturais
Papel do Estado	Mínimo ou ausente	Necessário para regulação e redistribuição
Trabalho	Flexível, autogerido, desburocratizado	Precarizado, informal, desprotegido
Sustentabilidade	Diferencial de mercado	Prática política e transformadora
Liberdade Econômica	Valor supremo, associado à eficiência	Questionada quando esvazia solidariedade

Fonte: elaborado pelos autores

A comparação revela diferenças fundamentais na forma como os sujeitos, o Estado, o trabalho, a sustentabilidade e a liberdade econômica são significados por cada perspectiva. No discurso dominante, o sujeito ideal é o empreendedor autônomo, responsável por sua trajetória e sucesso, enquanto no discurso crítico esse sujeito é

compreendido a partir das condições estruturais que moldam suas possibilidades reais de ação.

O Estado, ausente ou minimamente atuante na lógica dominante, é visto no discurso crítico como agente indispensável para regulação e redistribuição. O trabalho, por sua vez, é celebrado como flexível e desburocratizado no discurso dominante, mas revelado como precarizado e desprotegido quando observado criticamente. A sustentabilidade, quando capturada pela lógica de mercado, torna-se apenas um diferencial competitivo, enquanto no campo crítico é resgatada como uma prática política voltada à transformação social. Por fim, a liberdade econômica, considerada um valor absoluto na perspectiva dominante, é relativizada pelo discurso crítico, que aponta seus limites quando essa liberdade esvazia vínculos de solidariedade e justiça social. Essa contraposição evidencia não apenas diferentes interpretações do empreendedorismo, mas também projetos de sociedade divergentes.

4.4 PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DO DISCURSO NEOLIBERAL NO EMPREENDEDORISMO

A revisão revelou que o discurso neoliberal no empreendedorismo é sustentado por padrões ideológicos que enfatizam individualismo, meritocracia e responsabilização pessoal pelo sucesso ou fracasso econômico. Esses discursos tendem a obscurecer as condições estruturais e coletivas que influenciam o mercado de trabalho, promovendo uma visão reducionista que atribui às ações individuais a principal causa do desempenho econômico (Dardot & Laval, 2016).

O empreendedorismo é apresentado como um modelo ideal de comportamento econômico, no qual valores como autonomia, flexibilidade e inovação são exaltados. No entanto, como destacam Brown (2015) e Fraser (2017), essa narrativa ignora desigualdades estruturais, restringindo o debate a soluções baseadas na competição individualizada, o que contribui para a precarização do trabalho.

A revisão também identificou estratégias discursivas utilizadas para reforçar a hegemonia do empreendedorismo neoliberal. Entre essas estratégias destacam-se:

- a) Naturalização do risco: O fracasso individual é frequentemente tratado como resultado de falta de dedicação ou incompetência, ignorando fatores estruturais e sociais (Foucault, 2008).

- b) Romantização do empreendedorismo: Discursos midiáticos e corporativos exaltam figuras de "empreendedores de sucesso" como modelos universais de realização pessoal e profissional (Gill, 2014).
- c) Apropriação de valores sociais: Termos como "inclusão", "sustentabilidade" e "impacto social" são utilizados por empresas e instituições para fortalecer a imagem positiva do empreendedorismo, mesmo quando suas práticas contribuem para a exploração laboral (Banet-Weiser, 2012).

4.5 IMPACTOS SOCIAIS E ECONÔMICOS DO MODELO NEOLIBERAL E SOLUÇÕES ALTERNATIVAS

Os estudos revisados destacam que o discurso hegemônico do empreendedorismo tem favorecido processos que intensificam a precarização das relações de trabalho. A flexibilização do mercado, somada ao discurso de "liberdade" e "autonomia", tem resultado na erosão de direitos trabalhistas e na desproteção social (Antunes, 2018).

Trabalhadores são incentivados a se tornarem "empreendedores de si mesmos" (Foucault, 2008), o que contribui para a crescente informalização e a insegurança econômica. Além disso, observa-se um enfraquecimento das relações coletivas, pois o modelo neoliberal privilegia a competitividade individual em detrimento da solidariedade social (Harvey, 2008).

Diante desses desafios e da crescente precarização, a busca por modelos econômicos mais equitativos e sustentáveis torna-se imperativa, e é nesse contexto que as propostas alternativas ganham destaque.

Como alternativa ao modelo neoliberal dominante, diversos autores destacam o potencial do empreendedorismo sustentável, que busca equilibrar objetivos econômicos, sociais e ambientais (Schaltegger & Wagner, 2011). Essa abordagem propõe um modelo de desenvolvimento que privilegia o bem-estar coletivo e o uso responsável dos recursos naturais, alinhando-se à proposta da Economia para o Bem Comum (Felber, 2015).

A EBC destaca princípios como solidariedade, justiça social e participação democrática como elementos essenciais para a organização econômica, representando uma alternativa viável aos modelos tradicionais orientados apenas pelo lucro.

Entre os exemplos destacados na literatura, encontram-se iniciativas que promovem a economia colaborativa, empresas sociais e cooperativas que adotam

princípios sustentáveis. Experiências na Europa e na América Latina ilustram como essas abordagens podem gerar resultados econômicos positivos enquanto promovem a inclusão social e a valorização do trabalho coletivo (Boone & Ozcan, 2020).

4.6 LACUNAS NA LITERATURA E OPORTUNIDADES PARA FUTURAS PESQUISAS

A revisão também revelou importantes lacunas na literatura. Embora haja uma crescente quantidade de estudos que criticam o modelo neoliberal do empreendedorismo e apontam para alternativas promissoras, ainda existe um campo vasto a ser explorado, especialmente em relação à aplicabilidade e aos impactos concretos dessas propostas em diferentes contextos. Há escassez de pesquisas que explorem:

- a) O impacto do discurso neoliberal em contextos específicos da América Latina, especialmente no Brasil, onde a flexibilização do mercado de trabalho e a redução de direitos sociais têm adquirido características singulares.
- b) O potencial do empreendedorismo sustentável como alternativa concreta, considerando as dificuldades de implementação desse modelo em realidades sociais e econômicas marcadas por desigualdades acentuadas.
- c) A influência da mídia na construção simbólica do empreendedorismo, com destaque para o papel das grandes corporações na propagação de valores neoliberais travestidos de inovação social.

Assim, futuras pesquisas podem contribuir explorando essas lacunas e aprofundando a investigação sobre como o empreendedorismo sustentável pode ser articulado para promover justiça social e inclusão econômica.

A análise revelou que o discurso hegemônico do empreendedorismo, amplamente reproduzido em artigos acadêmicos, está profundamente alinhado à racionalidade neoliberal. A valorização da autonomia individual, da eficiência e da inovação esconde os efeitos sociais da precarização e da desresponsabilização institucional. Embora existam vozes dissidentes que criticam essa hegemonia, elas ainda aparecem como exceção e carecem de centralidade discursiva no campo acadêmico analisado.

5 CONCLUSÃO

Este estudo teve como objetivo analisar como o discurso hegemônico do empreendedorismo, pautado pelo neoliberalismo, influencia a percepção social sobre o trabalho e a economia, e em que medida o empreendedorismo sustentável pode representar uma alternativa alinhada à proposta da Economia para o Bem Comum (EBC). A partir da revisão integrativa realizada, constatou-se que o discurso neoliberal tem promovido a valorização excessiva do individualismo, da meritocracia e da responsabilização pessoal pelo sucesso econômico, desconsiderando aspectos estruturais e sociais que impactam diretamente as relações de trabalho e a organização econômica.

Os achados revelaram que tal discurso contribui para a precarização das relações laborais, a insegurança econômica e o enfraquecimento de mecanismos coletivos de proteção social, acentuando desigualdades sociais e ampliando a vulnerabilidade dos trabalhadores. Ademais, identificou-se que grandes corporações e a mídia têm desempenhado papel essencial na disseminação e fortalecimento desses valores neoliberais, contribuindo para a naturalização da competição e da instabilidade econômica como aspectos inevitáveis da vida contemporânea.

Por outro lado, a revisão apontou que o empreendedorismo sustentável surge como uma alternativa promissora ao modelo hegemônico, ao propor a integração de princípios como sustentabilidade ambiental, responsabilidade social e bem-estar coletivo. Essa abordagem encontra importante convergência com os valores defendidos pela Economia para o Bem Comum, que enfatiza a justiça social, a solidariedade e a cooperação como bases para a reestruturação econômica. Essa proposta oferece um caminho viável para reverter os impactos negativos do modelo neoliberal, incentivando uma visão mais humana e inclusiva das relações econômicas e sociais.

Como contribuição, este artigo proporciona uma análise crítica fundamentada sobre o discurso hegemônico do empreendedorismo e destaca alternativas que promovem uma economia mais equitativa e solidária. A reflexão proposta contribui para ampliar o debate acadêmico acerca das consequências sociais e econômicas desse discurso, além de evidenciar caminhos concretos para a construção de modelos econômicos mais justos.

Por fim, recomenda-se que pesquisas futuras explorem o impacto concreto da Economia para o Bem Comum e do empreendedorismo sustentável em contextos sociais e econômicos diversificados, especialmente em regiões onde a precarização do trabalho tem se intensificado. Investigar experiências reais de implementação dessas abordagens

pode oferecer insights valiosos para formulação de políticas públicas e estratégias empresariais voltadas à promoção do bem comum e da inclusão social.

O discurso hegemônico do empreendedorismo, sustentado pelos princípios neoliberais, influencia significativamente a percepção social sobre trabalho e economia ao promover uma visão individualista e meritocrática, na qual o sucesso profissional e econômico é atribuído exclusivamente ao esforço pessoal e à capacidade empreendedora dos indivíduos. Essa perspectiva desconsidera as desigualdades estruturais e os impactos sociais mais amplos, resultando na precarização das relações de trabalho, na intensificação da competitividade e na fragilização da solidariedade coletiva. O discurso neoliberal reforça, ainda, a ideia de que o Estado deve ter papel mínimo na proteção social, transferindo para os indivíduos a responsabilidade pelo enfrentamento das incertezas e desafios do mercado.

Por outro lado, o empreendedorismo sustentável se apresenta como uma alternativa promissora a essa lógica hegemônica, ao integrar valores como responsabilidade social, sustentabilidade ambiental e cooperação. Essa abordagem se alinha aos princípios da Economia para o Bem Comum (EBC), que propõe um modelo econômico mais ético e humano, no qual o lucro é um meio para promover o bem-estar coletivo e não um fim em si mesmo. Dessa forma, o empreendedorismo sustentável emerge como uma via capaz de estimular práticas empresariais mais justas, inclusivas e ambientalmente responsáveis, promovendo uma economia que valorize o equilíbrio entre crescimento econômico e bem-estar social.

Referências

- ANTUNES, R. O privilégio da servidão. São Paulo: Boitempo Editorial, 2018.
- BRASIL. Lei nº 13.467, de 13 de julho de 2017. Altera a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e as Leis nos 6.019, de 3 de janeiro de 1974, 8.036, de 11 de maio de 1990, e 8.212, de 24 de julho de 1991, a fim de adequar a legislação às novas relações de trabalho. Diário Oficial da União, Brasília, DF, ed. extra, ano 154, n. 134, p. 1-67, 14 jul. 2017.
- BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, v. 3, n. 2, p. 77–101, 2006.
- BROWN, W. Undoing the demos: neoliberalism's stealth revolution. New York: Zone Books, 2015.
- DARDOT, P.; LAVAL, C. A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

- DOLABELA, D. F. *Pedagogia empreendedora: o ensino do empreendedorismo nas escolas e universidades*. São Paulo: Cultura Editores Associados, 2003.
- DRUCK, G. Trabalho, precarização e resistências: novos e velhos desafios?. *Caderno CRH*, [S. l.], v. 24, n. spe1, p. 37–57, 2011.
- DRUCKER, P. F. *Inovação e espírito empreendedor (entrepreneurship): prática e princípios*. São Paulo: Pioneira, 1987.
- EDWARDS, S. *El proyecto Chile: la historia de los Chicago Boys y el futuro del neoliberalismo*. Santiago: Ediciones UDP, 2024.
- FELBER, C. *Change everything: creating an economy for the common good*. London: Zed Books, 2015.
- FELBER, C.; HERRMANN, B.; KNIRSCH, J. *A New Paradigm for the EU's Global Trade Strategy: Ethical World Trade and Economy for the Common Good*. [S. l.], 2024. Disponível em: <https://rgdoi.net/10.13140/RG.2.2.29814.61762>. Acesso em: 28 nov. 2024.
- FILION, L. J. *Planejar seu sistema de gestão: um modelo de plano de negócios para o empreendedor*. São Paulo: Makron Books, 2000.
- FINK, A. *Conducting research literature reviews: from the internet to paper*. 4. ed. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2019.
- FOUCAULT, M. *The birth of biopolitics: Michel Foucault's lectures at the Collège de France*. New York: Palgrave Macmillan, 2008.
- FRIEDMAN, M. *Capitalism and freedom*. Chicago: University of Chicago Press, 1962.
- GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR. *Global Report 2023/2024: seizing new opportunities*. Londres: Global Entrepreneurship Research Association, 2024. Disponível em: [Inserir link para o relatório se for online]. Acesso em: 17 jul. 2025.
- HARVEY, D. *O neoliberalismo: história e implicações*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2008.
- HAYEK, F. A. *The road to serfdom*. Chicago: University of Chicago Press, 1944.
- KRITIKOS, A. S. *Entrepreneurs and their impact on jobs and economic growth*. *IZA World of Labor*, Bonn, v. 2024, n. 8, p. 1-10, maio 2024. Disponível em: <https://wol.iza.org/articles/entrepreneurs-and-their-impact-on-jobs-and-economic-growth/full>. Acesso em: 17 jun. 2025.
- MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. C. P.; GALVÃO, C. M. *Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem*. *Texto & Contexto – Enfermagem*, Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 758–764, out./dez. 2008.
- SCHALTEGGER, S.; WAGNER, M. *Sustainable entrepreneurship and sustainability innovation*. *Journal of Business Venturing*, v. 26, n. 5, p. 519–531, 2011.

SCHUMPETER, J. A. The theory of economic development: an inquiry into profits, capital, credit, interest, and the business cycle. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1934.

SENNETT, R. The corrosion of character: the personal consequences of work in the new capitalism. New York: W. W. Norton & Company, 1998.

SHANE, S.; VENKATARAMAN, S. The promise of entrepreneurship as a field of research. Academy of Management Review, New York, v. 25, n. 1, p. 217-226, jan. 2000.

VAN DIJK, T. A. Discourse and power. New York: Palgrave Macmillan, 2008.

WHITTEMORE, R.; KNAFL, K. The integrative review: updated methodology. Journal of Advanced Nursing, v. 52, n. 5, p. 546–553, 2005.

YUNUS, M. Um mundo sem pobreza: a iniciativa dos negócios sociais. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Ática, 2007.

ZUBOFF, S. A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. Tradução de George Schlesinger. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.